

Introdução à Resistência Civil: Um Primeiro Olhar

CIVIL RESISTANCE: A FIRST LOOK

INTERNATIONAL CENTER ON NONVIOLENT CONFLICT

2011

TRANSLATION: JPD SYSTEMS, OCTOBER 2017

TRANSLATOR'S NOTES

O que é?

A resistência civil é a forma pela qual os cidadãos comuns lutam pelos seus direitos, liberdade e justiça sem o uso da violência. Os cidadãos engajados na resistência civil usam diferentes métodos, tais como greves, boicotes, manifestações de massas e outras ações para promover mudança social, política e económica abrangentes. Em todo o mundo, a resistência civil tem sido chamada por diferentes nomes - luta pacífica, ação direta, poder popular, desafio político e mobilização cívica -, mas independentemente do termo usado, a dinâmica fundamental da resistência civil permanece essencialmente a mesma.

Os movimentos de resistência civil são poderosos porque convocam participação massiva em ações para resistir à opressão, oferecendo uma nova visão de uma sociedade mais livre e justa e possivelmente à lealdade daqueles que impõem o antigo sistema. Quando um número suficiente de cidadãos decide desobedecer, o sistema pode tornar-se insustentável e, então, vê-se obrigado a mudar ou desmoronar.

Mesmo quando os adversários de resistência civil tem sido bem financiados e bem armados, muitas vezes vêm-se incapazes de resistir à desobediência em massa e às perturbações da ordem cívica causadas por actos estratégicos e generalizados de desafio não-violento.

Por esse motivo, muitos movimentos e campanhas de resistência civil têm sido bem-sucedidos contra diversos adversários. Em cada década do século passado, em seis continentes, movimentos populares que empregaram estratégias não-violentas derrubaram regimes opressores, conseguiram resistir à ocupação militar e trouxeram mais justiça e liberdade para as suas sociedades.

Por exemplo, a resistência civil foi essencial para pôr fim ao apartheid na África do Sul; foi usada para promover os direitos das mulheres, os direitos civis e os direitos dos trabalhadores nos Estados Unidos; derrubou ditadores em lugares como Filipinas, Chile, Indonésia e Sérvia, entre outros; foi usada para obstruir a ocupação estrangeira na Dinamarca e em Timor-Leste; foi fundamental para a Índia conquistar a independência da Grã-Bretanha; derrubou eleições fraudulentas no Leste Europeu, pôs fim à ocupação Síria no Líbano e foi usada em muitas outras partes para estabelecer os direitos humanos, a justiça e a autonomia democrática.

Conceitos fundamentais

Resistência civil vs. Ética da não-violência

A resistência civil é uma forma de disputa política. A ética da não-violência é um conjunto de princípios que proíbe o uso da violência. Os participantes de alguns movimentos de resistência civil bem-sucedidos, como a luta pela independência indiana e o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, pregavam a não-violência ética. Mas não há nada inerente ao uso da resistência civil que obrigue seus praticantes a adotarem ações não-violentas por suas vantagens intrínsecas. Na verdade, ao longo da história, é bem provável que a maioria dos que adotaram a resistência civil não estivesse motivada pela não-violência ética. Antes, a motivação era o fato de que a resistência civil era a única forma, ou a forma mais eficaz, de travarem sua luta.

Visão monolítica e visão pluralística do poder

Em muitas sociedades, a visão predominante do poder é monolítica (Figura 1), o que significa que as pessoas comuns são vistas como dependentes da boa vontade, das decisões e do apoio do governo e de outras instituições. A visão é que o poder é exercido pelos poucos que estão no topo do comando, que detêm a maioria da riqueza e a capacidade para a violência. O monólito do poder é visto como algo duradouro, que se perpetua e é difícil de ser modificado. Contudo, a resistência civil se baseia numa premissa diferente, descrita pela visão pluralista do poder (Figura 2), que considera que os governos e outros sistemas detentores do poder dependem amplamente da obediência ou aquiescência das pessoas. Na visão pluralista, o poder se baseia na validação e participação de muitas partes da sociedade. Ele é fluido e sua força sempre depende de uma reposição das suas fontes por meio da cooperação de muitas instituições e pessoas. Assim, os movimentos de resistência civil desenvolvem suas estratégias com base na visão de que as pessoas que organizam uma ampla coalizão de civis comuns para perturbar a ação do Estado podem neutralizá-la ou revertê-la.

Actos e omissões contrários

Os que recorreram à resistência civil já empregaram centenas de várias estratégias ao longo da história. As quais podem ser organizadas em duas categorias distintas. Os actos de omissão são táticas em que as pessoas param de fazer algo que normalmente devem fazer ou são obrigadas a fazer. Entre os exemplos desse actos, destacam-se as

greves de trabalhadores, a recusa ao pagamento de tributos e os boicotes de consumidores. Já os actos de comissão são táticas em que as pessoas começam a fazer algo que normalmente não fazem ou são proibidas de fazer. Entre os exemplos, destacam-se os protestos, as manifestações em massa, os protestos pacíficos sentando-se num lugar e outras formas de desobediência civil. O sequenciamento estratégico dessas táticas aumenta, para o adversário do movimento, o custo de manter o *status quo*. Além disso, pode inspirar as pessoas comuns a se juntarem à resistência, uma vez que a variedade de táticas pode ser grande — alto risco e baixo risco, públicas e privadas, concentradas ou descentralizadas —, o que permite a participação de pessoas de muitos segmentos da sociedade.

Unidade, planeamento e disciplina de não-violenta

Três princípios fundamentais para o sucesso da resistência civil são a unidade, o planeamento e a disciplina não-violenta. A unidade é desenvolvida pela mobilização de diversos setores da sociedade, que inicialmente podem ter diferentes queixas, em torno de um conjunto de objetivos factíveis. O planeamento é o sequenciamento estratégico de campanhas e táticas com base em uma análise cuidadosa das condições e oportunidades para agir. Implica também prever possíveis contratemplos e contar com planos de contingência para esses casos. A disciplina não-violenta envolve um compromisso estratégico de usar apenas táticas não-violentas, pois a violência reduz a participação civil, prejudica a legitimidade do movimento, reduz o apoio internacional e diminui a chance de mudanças de lealdade.

Dez perguntas

1. Como os governantes poderosos são derrotados por cidadãos comuns que usam a resistência civil?

Nenhum governante é intrinsecamente poderoso. Eles são poderosos apenas quando têm o apoio direto ou indireto de milhares ou milhões de pessoas na sociedade. Para que um governante mantenha o controle, a polícia, o exército, o judiciário e a burocracia precisam fazer sua parte. As pessoas em toda a sociedade devem ir ao trabalho regularmente, pagar os impostos e seu aluguel, comprar produtos em mercados que apoiam empresas de propriedade do Estado ou licenciadas por ele. Os que trabalham nos setores de expedição e de transportes, bem como nos setores de comunicações e serviços públicos, devem continuar a transportar mercadorias e prestar seus serviços. Esses são apenas alguns exemplos dos grupos cujo apoio costuma ser crucial para o sistema funcionar.

Ao compreender isso, os organizadores da resistência civil formulam estratégias para abalar esse apoio e dificultar a sustentação do *status quo*. A mobilização de um grande número de pessoas para discordar e protestar pode reduzir a legitimidade dos governantes, sobretudo se a repressão for usada contra as pessoas que estão exercendo seus direitos. Ao perturbar o controle do Estado, os movimentos de resistência podem aumentar o custo de manter o sistema — até o ponto em que seus defensores começar a questionar seu futuro. Uma

vez que sua lealdade é solapada, passa a ser mais difícil impor qualquer forma de opressão.

2. Como a resistência civil começa?

Muitas campanhas de resistência civil bem-sucedidas começam primeiro pela construção da capacidade das pessoas comuns para agir. As táticas locais e de baixo risco para organizar as pessoas e formar a unidade podem ser de extrema importância. Por exemplo, antes de lançar sua primeira grande campanha de resistência civil na Índia, Gandhi passou meses, anos, visitando pessoas comuns e conversando com elas, ouvindo suas queixas, esperanças e medos. Gandhi desenvolveu a percepção do que seria necessário para conquistar-lhes a fidelidade e cooperação. Além disso, incentivou as pessoas a se envolverem no “trabalho construtivo” — o serviço comunitário que formava a autoconfiança entre as pessoas que haviam perdido a confiança no Estado, mas, até então, se sentiam impotentes para agir.

Uma vez que as campanhas tenham gerado capacidade suficiente para se envolver em formas mais diretas de resistência civil, elas costumam começar com ações direcionadas às questões locais com as quais um público mais amplo se identifica. Por exemplo, os organizadores do Solidariedade, na Polônia, começaram com uma greve de trabalhadores em um estaleiro. Ao conseguir vencer em uma questão e criar um sindicato independente, essa vitória teve um enorme impacto psicológico sobre os poloneses em todo o país e o movimento ganhou força. Da mesma forma, o movimento pelos direitos civis nos Estados

Unidos ganhou impulso após ocupações e boicotes bem-sucedidos terem posto fim à segregação racial em lojas e ônibus em algumas cidades do sul dos Estados Unidos. Com esses êxitos, o movimento mostrou o poder da resistência civil e rapidamente ganhou atenção e seguidores em âmbito nacional.

3. Como faço para organizar protestos?

Os planejadores estratégicos de um movimento devem identificar seus objetivos, seus pontos fortes, pontos fracos e capacidades do seu movimento, e quem são seus opositores, bem como descobrir que tipo de assistência terceiros e agentes externos podem oferecer. Somente após definir claramente seus objetivos de curto, médio e longo prazo e fazer uma análise factual detalhada e sistemática da sua situação, é que um movimento estará mais bem posicionado para escolher que táticas deseja usar. Nesse ponto, se o movimento optar por manifestações de protesto como uma das suas principais táticas e quiser aprender o que precisa ser feito para que tais manifestações sejam bem-sucedidas, existem inúmeros recursos disponíveis para detalhar as dimensões técnicas e táticas desse tipo de ação.

4. Se não forem protestos, então o que fazer?

Muitos acham que os protestos são a principal atividade dos movimentos de resistência civil. No entanto, os protestos são apenas um dos muitos tipos diferentes de táticas que os partidários da resistência civil podem usar na sua luta. Existem mais de duzentas táticas de ação não-violenta identificadas a escolher. Variados tipos de

boicotes (político, social e ao consumo); greves; desaceleração do trabalho; recusa a pagar o aluguel, impostos e taxas; petições; desobediência civil; ocupações e protestos pacíficos sentando-se num lugar; bloqueios e o desenvolvimento de instituições paralelas são alguns exemplos de outras táticas de resistência civil.

A escolha e o continuidade de táticas dependem da avaliação que o movimento faz da sua situação, bem como de quais são suas capacidades e objetivos. Se um movimento não é muito forte, talvez o deva considerar táticas dispersas e de baixo risco, como boicotes ou a exibição anônima de símbolos, a fim de construir a capacidade do movimento, transmitir sua mensagem e/ou perturbar o oponente. Em uma etapa posterior, uma vez que o movimento tenha ganhado força, ele talvez consiga levar a cabo ações mais concentradas, como comícios, marchas, manifestações de protesto ou desobediência civil em massa.

É importante lembrar que só porque os protestos costumam ser as ações mais conhecidas para as pessoas que estão considerando a resistência civil, isso não significa que sejam a única ação nem a melhor. Dependendo da situação, existem muitas outras táticas que podem produzir um resultado melhor a um custo menor para o movimento. A criatividade e o pensamento estratégico são de suma importância ao decidir que táticas usar.

5. E se o movimento não tiver um líder carismático?

Muitos movimentos históricos fizeram uma resistência civil eficaz sem líderes carismáticos. O movimento contra o apartheid na África do Sul obteve importantes conquistas enquanto seu líder estava preso e afastado do movimento. Mais importante do que o fascínio pessoal ou a eloquência dos líderes de movimentos civis são o conhecimento de como representar e ouvir diversos participantes em um movimento, pesando cuidadosamente os custos e os riscos inerentes a linhas de ação alternativas e dividindo a tomada de decisões com os líderes locais.

Além disso, confiar excessivamente em líderes carismáticos gera riscos particulares. Às vezes, esses líderes podem ser cooptados por governantes que lhes ofereçam uma parcela do poder ou podem até ser presos. Os movimentos resilientes e representativos são organizados de modo que, mesmo que os líderes sejam excluídos, é possível apresentar novos líderes.

6. E se eu achar que a resistência civil não vai funcionar no meu país?

A resistência civil nem sempre dá certo. Mas ela já funcionou em muitos países em todo o mundo onde os “especialistas” e outros achavam que ela nunca avançaria. O general chileno Augusto Pinochet foi considerado um dos ditadores mais brutais do mundo e muitos não achavam que a resistência civil poderia ser crucial para derrubá-lo, mas foi exatamente isso o que ocorreu. E poucos teriam suspeitado de que o ditador sérvio Slobodan Milosevic, apelidado de “açougueiro dos Balcãs” seria deposto por meio da pressão não-violenta. Ainda assim, quando Milosevic ordenou que suas próprias tropas e forças policiais

reprimissem centenas de milhares que protestavam e pediam a sua saída em 2000, suas forças de segurança se recusaram a obedecer às ordens diante da maciça mobilização dos seus concidadãos. Milosevic não teve outra escolha senão renunciar.

Se você ainda não tem certeza se a resistência civil poderia funcionar na sua situação, considere as opções possíveis, se forem realistas: reformar o sistema político de dentro para fora; participar de eleições; recorrer ao sistema jurídico; buscar a negociação e o diálogo com os adversários; apelar ao apoio de agentes internacionais e buscar uma insurreição armada são opções que já foram testadas em diversas partes do mundo. Embora seja incerto que a resistência civil vá funcionar, também é incerto que as outras linhas de ação possíveis tenham êxito.

Assim, a decisão de um grupo dissidente ou de oposição é escolher a linha de ação com a maior chance de conseguir uma adesão diversificada, contestar a legitimidade do opressor, evitar ou neutralizar a repressão e promover divisões entre os que defendem o sistema existente. Muitos grupos de oposição ao longo da história consideraram essas opções e optaram por recorrer à resistência civil, embora esse método tenha sido usado muitas vezes em conjunto com meios mais tradicionais para obter mudanças políticas, como eleições, contestações na esfera jurídica, negociações e reformas do sistema de dentro para fora.

7. E se o meu adversário recorrer à violência?

Você deve esperar que, em algum momento, seu adversário recorra à violência. Historicamente, esse tem sido o caso na grande maioria das vezes. No entanto, o uso da violência por um oponente não significa o fracasso do movimento de resistência civil. Esses movimentos lidam com a repressão violenta de várias maneiras que podem reduzir sua eficácia e/ou fazer com que ela se volte contra o opressor.

Primeiro, para evitar ou enfraquecer a repressão violenta, os movimentos de resistência civil podem começar a usar táticas difíceis de combater por meio da violência. Por exemplo, os boicotes dos consumidores, quando os cidadãos decidem não comprar determinados produtos, são muito difíceis de suprimir, pois são descentralizados e é difícil ou impossível para um regime verificar quem aderiu ou não ao boicote. Se as manifestações de protesto ou outras táticas públicas e concentradas estão sendo reprimidas, um movimento pode ter como melhores opções a resistência não política ou as táticas descentralizadas e não físicas, como a recusa a pagar taxas ou impostos, ou mesmo uma greve geral.

Segundo, os movimentos de resistência civil podem usar táticas inovadoras para fazer com que o tiro saia pela culatra e a repressão produza um efeito negativo para o oponente. Ao expor a repressão para o mundo e divulgá-la com imagens e histórias dentro do país, é possível aumentar o custo da repressão — em termos da reputação internacional e do investimento —, o que sai mais caro para o

adversário do que para o movimento. Nem todo ato de repressão sai pela culatra, mas se um movimento se complica, se estende ou expõe a natureza odiosa de certos atos de repressão, o resultado pode ser uma enorme perda de apoio público e internacional.

Terceiro, há casos de resistência civil, como nas Filipinas em 1986, no Chile em 1988, na Sérvia em 2000 e na Ucrânia em 2004, em que membros das forças de segurança desertaram e passaram para o lado da oposição, o que reduziu ou efetivamente eliminou a capacidade do regime para reprimir. Esses casos de deserção das forças de segurança foram provocados por esforços deliberados e de longo prazo por parte dos movimentos de resistência, projetados para tornar as forças de segurança menos fieis ao regime.

8. E se não for possível persuadir o meu adversário?

Para vencer, não é necessário persuadir o núcleo duro dos responsáveis pela opressão. No entanto, talvez seja necessário persuadir alguns dos que apoiam seu adversário.

Lembre-se: a resistência civil é poderosa porque muda as crenças e o comportamento de milhares ou até mesmo dezenas de milhares de pessoas cujas ações apoiam diretamente ou indiretamente a opressão. Quando as fontes de poder do seu oponente são enfraquecidas, faz pouca diferença se você consegue persuadi-lo ou não. O poder lhe reduzido a um nível que leva seu oponente a perceber que não

consegue mais controlar o resultado e, assim, se vê forçado a negociar a transição para uma nova ordem.

Por exemplo, o boicote de 1985 às empresas comandadas por brancos, iniciado pelo movimento contra o apartheid na cidade sul-africana de Port Elizabeth, causou um prejuízo tão grande que os empresários começaram a pressionar o governo a mudar suas políticas. Essas empresas talvez não tenham sido convencidas a concordar com os objetivos do movimento, mas perceberam que fazia mais sentido aceitar algumas das exigências do movimento do que continuar a apoiar a repressão do governo.

9. Vai levar tempo demais. E se não pudermos esperar?

A resistência civil nem sempre demora para causar impacto. Embora o movimento Solidariedade, na Polônia, só tenha chegado ao poder quase dez anos após haver sido organizado, a oposição nas Filipinas precisou de apenas alguns anos de organização para derrubar o ditador Ferdinand Marcos. O que define o sucesso da resistência civil não é a passagem do tempo, mas, na verdade, se o movimento age de forma unificada e estratégica.

10. Como conseguimos vencer?

A chance de vencer é maior se o seu movimento ou campanha desenvolver a unidade popular, o planejamento cuidadoso e a disciplina não-violenta.

A unidade é crucial porque os movimentos de resistência têm força quando representam a vontade e o empenho de uma maioria. É importante lembrar que a participação em um movimento é voluntária. As pessoas decidem aderir e correr riscos porque acreditam no movimento. Contudo, se falta unidade, se a causa é pouco clara ou é duvidosa, muitos decidirão não participar. De modo geral, os movimentos de resistência civil bem-sucedidos reuniram homens e mulheres; crianças, pessoas de meia-idade e idosos; pessoas de diversas crenças religiosas e etnias; estudantes, trabalhadores, intelectuais, empresários, etc.

O planejamento é essencial porque a resistência civil é uma disputa entre um protagonista, como uma campanha, um movimento ou um grupo cívico, e seu adversário. Nessa disputa, são necessárias organização e estratégia para moldar e direcionar a força mobilizada por um movimento. Na resistência civil, os líderes tomam muitas decisões estratégicas e táticas, por exemplo: avaliar a maneira de construir seus recursos e empregá-los da melhor forma, como explorar as vulnerabilidades dos seus adversários e como se defender de contra-ataques. As boas decisões raramente são tomadas espontaneamente. Para fazer um bom planejamento, são necessários dois tipos de conhecimento. Primeiro, os estrategistas do movimento precisam ter um conhecimento detalhado das condições políticas, econômicas e sociais que enfrentam, e precisam entender os interesses e aspirações dos diversos grupos da sociedade. Segundo, precisam saber como a resistência civil funciona, o que pode ser aprendido com base na

experiência pessoal, em recursos como livros, filmes e a Internet, e por meio da comunicação com outros que sejam experientes em resistência civil e organização política.

A disciplina não-violenta é crucial porque a violência cometida por um movimento mina a eficácia da resistência e, não raro, desencadeia e parece justificar medidas repressivas. Além disso, quando um movimento de resistência pratica a violência, muitas vezes perde a participação das pessoas na sociedade que não assumirão os riscos óbvios da violência. Finalmente, quando um movimento usa a violência contra a polícia e as forças armadas, torna-se impossível dividir a fidelidade dos defensores do sistema, e qualquer simpatia inconfessa pelo movimento entre esses defensores provavelmente desaparecerá. Esse é o oposto da dinâmica que a resistência civil pode acionar, na qual a causa do movimento — uma sociedade mais livre e melhor que beneficia a todos — e a ação do movimento, que invoca a coragem de pessoas comuns de todos os contextos, se tornam atraentes tanto para muitos que defendem os detentores do poder quanto para os que desejam pôr fim ao sistema.

Citações

“Na verdade, foi a organização em massa que provocou a mudança na África do Sul ... que pressionou o estado ... a finalmente mudar ... que [provocou] o impasse, essa situação insolúvel a que o Estado não conseguiu mais responder.” – Dr. Janet Cherry

“O principal na luta é chamar a atenção. Lutar em um canto onde ninguém presta atenção em você é um desperdício, um esforço inútil. Se você vai lutar, é preciso atrair a maior atenção possível para a sua causa.” – Mkhuseleli Jack

“A dificuldade com os esforços não-violentos é que eles não reconhecem a necessidade de uma disciplina feroz e de um treinamento intenso, além da formulação de estratégias, planejamento e recrutamento e as coisas que você precisa fazer para ter um movimento. Isso não ocorre espontaneamente. Precisa ser feito sistematicamente.” – Rev. James Lawson

“É por isso que essa repressão foi contraproducente. Porque foi como a terceira lei de Newton, da ação e reação. Quando você aumenta o nível de repressão, a resistência também aumenta.” – Ivan Marovic